A DIMENSÃO DIDÁTICO PEDAGÓGICA DA CARTOGRAFIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

The didactic dimension of the pedagogical cartography in the teaching and learning processes for Basic Education

Gabriela Geron*
Mafalda Nesi Francischett*

***Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE**
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Rua Maringá, 1200 – Vila Nova – Campus Francisco Beltrão, Paraná, Brasil – CEP: 85605-010
gabi_geron@hotmail.com
mafalda@wln.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a pesquisa sobre a Cartografia como linguagem mediando o ensino com conteúdos relacionados ao objeto da Geografia, o espaço geográfico. Partimos da hipótese sobre a importância do conhecimento do lugar para a compreensão dos conceitos geográficos. Para isso as atividades didáticas utilizando a Cartografia Escolar mediarão o processo. A problemática também está justificada pela falta de materiais didáticos (in) formativos para trabalhar conceitos específicos de Geografia na esfera local. O principal enfoque deste trabalho está na localidade, com informações científicas para o aprendizado do aluno. As representações cartográficas, selecionadas, apresentam as características físicas da área urbana do município de Francisco Beltrão/PR, que o professor pode ter como base para trabalhar no nível do Ensino Fundamental I, fundamentadas na carta topográfica. A partir desses dados delimitamos e fomentamos o caminho da pesquisa que serve de apoio para decodificar a compreensão dos conceitos do aluno, leitor do mapa.

Palavras-chave: Ensino. Geografia. Representação e lugar.

ABSTRACT

The present paper aims to bring forward the cartography research as mediating teaching language in topics related to the object of geography, the geographic space. Coming from the hypothesis of the importance of knowing the space to enhance understanding of geographic concepts. The learning activities using School Cartography will mediate the process. What motivated this proposal was the lack of informative teaching materials for working on specific geographic concepts related to local sphere. The focus here relies on locality, with the required scientific information for student learning process. The outlooks present physic characteristics of the urban area in the municipality of Francisco Beltrao/PR, that the teacher may use for their classes in the basic schooling level 1 and which can be put in place throughout the municipality that they desire to work on, because it is based on the topography map. Against this background data, we discuss the importance and the desirable way to understand the concepts of the students, the readers of the map.

Keywords: Education. Geography. Outlooks and space.

1 INTRODUÇÃO

Estudar o lugar significa considerar as vivências, as relações sociais, específicas e os acontecimentos ali situados e representados. O lugar, segundo Carlos (1993) é a própria totalidade

em movimento, que, por meio do evento, se afirma e se nega modelando um subespaço do espaço global. Ele carrega uma história construída por sujeitos, pela maneira como desenvolveram seu trabalho, como produziram os alimentos. Enfim, o lugar é indicador de vínculos afetivos que ligam e identificam as pessoas. O lugar se define como um local onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial pode ocorrer sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar. Cada lugar assiste como testemunha e como ator o desenrolar simultâneo de várias divisões (SANTOS, 2009).

Embora o lugar seja uma categoria geográfica importante, os materiais didáticos oferecidos e disponibilizados para o professor, no Ensino Fundamental, são restritos. O que há, especificamente, são livros didáticos e geralmente eles não têm como foco a realidade do aluno de cada lugar, uma vez que são pensados para o âmbito nacional. Neles, os conteúdos relacionados ao dia-dia não são contemplados. Com isso, os alunos passam por dificuldades na contextualização, pois, o lugar não é considerado nas representações apresentadas. E, para que sejam ensinados os conteúdos relacionados ao lugar, é necessário articular os conteúdos estruturantes com os específicos, o que se torna possível com as representações cartográficas, principalmente os mapas e muito difícil sem eles.

Esse artigo tem como objetivo apresentar alguns tópicos para possibilitar compreender como, com auxílio de mapa, ocorre a aprendizagem dos conceitos geográficos de lugar, de município e de limites. Para isso, foram elaboradas atividades com representações cartográficas sobre o município de Francisco Beltrão – PR.

Esta proposta se justifica pela necessidade do conhecimento geográfico também ser por meio da leitura e entendimento de mapas. E, pela deficiência de material didático que contemple o município, se configura num problema de ensino.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O lugar guarda em si e não fora dele o seu significado

O conceito de lugar é entendido como produto das relações sociais, resultado do trabalho da sociedade, acumulado pelas das gerações, Carlos (1997) comenta que o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da História em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, por meio dos sentidos, que não podem ser descartados, pois enriquecem a análise.

O conceito de lugar se define conforme Santos (2009), como local onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial pode se dar sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar. A partir disso, as relações de pertencimento ao lugar são produto das relações sociais que garantem a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela cultura civilizadora produzindo a identidade. O sujeito pertence ao lugar como este a ele. A produção do lugar está indissociável da produção da vida.

Para Carlos (2007), a vivência é relevante para o conhecimento do conceito de lugar, pois cria e estabelece identidade entre comunidade e lugar, uma identidade que se dá por meio de formas de apropriação para a vida. Na sociedade capitalista de classes a existência de uma identidade se constrói a partir da renda e acaba produzindo um modo de vida próprio, como um modo de pensar e sentir o espaço que cria uma ‘aparente’ identidade entre seus moradores. Produzem um modo de vida apoiado na cultura de seus lugares de origem criando assim uma nova identidade para o lugar.

Outra concepção de lugar diz respeito a sua compreensão enquanto expressão geográfica da singularidade, universalista e objetiva, conforme Carlos (1997) o lugar contem uma multiplicidade de relações, discerne sem isolar ao mesmo tempo em que se apresenta como realidade sensível correspondendo a um uso, a uma prática social vivida. Neste sentido o lugar é sempre um espaço presente dado como um todo atual com suas ligações e conexões cambiantes. No lugar emerge de forma clara a questão da diferenciação da luta à cidade, por exemplo, mas isto só

pode ser entendido se transcende a ideia do lugar enquanto fato isolado. Dentro da mesma perspectiva da dimensão histórica é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios.

O lugar, considerado como resultante de características históricas relaciona-se ao processo de expansão do capitalismo[1]. Conforme Santos (2009), cada lugar recebe determinados vetores e deixa de acolher muitos outros. É dessa forma que ele mantém sua individualidade. Em cada lugar novas divisões do trabalho chegam e se implantam, mas sem exclusão da presença das divisões anteriores. Isso distingue cada lugar dos demais: as temporalidades diversas, sejam quantitativamente, seja qualitativamente. Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente.

Carlos (2007) num trecho de uma fala de Milton Santos, no Encontro Nacional realizado em Aracajú em 1995, explica a definição de lugar que engloba a perspectiva positivista e materialista, para eles o lugar visto de fora, a partir de sua redefinição, resultado do acontecer histórico e o lugar visto de dentro, que implica na necessidade de redefinir seu sentido. O lugar poderia ser definido a partir da densidade técnica (que tipo de técnica está presente na configuração atual do território), a (densidade informacional (que chega ao lugar tecnicamente estabelecido) a ideia da densidade comunicacional (as pessoas interagindo) e, também em função de uma densidade normativa (o papel das normas em cada lugar como definitivo). A esta definição seria preciso acrescentar a dimensão do tempo em cada lugar que poderia ser visto através do evento no presente e no passado[2].

Apesar de cada lugar possuir suas particularidades e seus resquícios históricos, ele está intrinsecamente interligado com outros lugares, eles interagem entre si, assim o lugar é a totalidade, mas também sua negação, já que, materializando-se no lugar, o evento perde o dinamismo próprio da potencialidade, ele se afirma e se nega, criando assim um subespaço do global. O pensamento dialético procura a relação do lugar com a totalidade, pois ele nega a existência empírica do fragmento como independente, com parte isolada, mas reconhece o lugar empiricamente como funcionalização do todo.

Considerar lugar, conforme Carlos (2007), é o que o homem habita e que diz respeito ao seu cotidiano, ao seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, isto é, as formas por meio das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso, um espaço palpável, espaços do vivido, apropriados por meio do corpo.

2.2 Para além do ponto no mapa

Apesar dos mapas representarem o elo para a comunicação entre várias áreas de conhecimento e a Geografia, por trazerem a espacialidade dos fenômenos, devemos ter em mente que um mapa normalmente é a síntese de uma série de operações complexas. Portanto, precisa de mediação no processo de ensino e aprendizagem.

O aprendizado do mapa vai além da estrutura dos procedimentos aplicados aos pontos, linhas e polígonos, ele está mediado pelas regras agrupadas em função das diferentes feições de cada estrutura no contexto que representam. Estamos nos referindo principalmente para a orientação e compreensão dos fenômenos por categorias, usados tanto para representação do conhecimento, como para o seu desenvolvimento, na abordagem geográfica escolar, na questão de que a representação cartográfica está voltada para a interpretação, entendimento e explicitação de seu conteúdo.

No ensino da Geografia a utilização de mapas, traz noções espaciais que são compreendidas pela mediação de teorias e práticas. No entanto, quando apresentarmos um mapa para os alunos, sem explicar o significado do que ele contém nada vai adiantar, eles verão apenas uma figura ilustrativa. A construção, a compreensão e a utilização de mapas e as noções de

orientação e localização no contexto espacial são processos desenvolvidos desde as séries iniciais do Ensino Fundamental. Esse procedimento vai ganhando complexidade na aquisição de um código linguístico visando criar condições para o aprendizado da dimensão gráfica e espacial da realidade geográfica.

Ao ensinar mapas, os conhecimentos são aprofundados conforme a necessidade, não só em sala de aula, mas também no cotidiano. O professor precisa ir ao encontro das necessidades dos alunos. Para isso é importante clareza da teoria da aprendizagem que sustenta sua prática pedagógica.

Alguns educadores quase não utilizam mapas, como base para as aulas. Isso porque eles são vistos, por muitos, equivocadamente, como recursos mecanicistas. Sendo assim o uso se constitui em atividade sem sentido, meramente empírica. Essa visão metodológica faz com que haja um mau entendimento da realidade, uma vez que, ao nosso olhar, a prática vem integrada na teoria visando o contexto social do sujeito.

2.3 Representação gráfica e a proximidade com o Ensino

A representação gráfica está presente desde o início da humanidade, quando começou com o homem gravando em pedra ou argila, pintando em pele de animais representações de seu cotidiano. Registros que apresentam forma original de interpretação dos territórios ou domínios.

Segundo Martinelli (2007), a apreensão do espaço e a elaboração de estruturas abstratas para representá-lo sempre marcaram a vida em sociedade, acompanhando o empenho humano em satisfazer também as necessidades que foram surgindo das condições de trabalhos. Durante o Renascimento a Cartografia acompanhou as novas relações capitalistas e o desenvolvimento da navegação comercial entre o Oriente e o Ocidente e, o grande marco foi o surgimento da bússola. Com a invenção da imprensa, no século XV, o custo para a reprodução de mapas foi barateando, permitindo sua maior difusão. Esse avanço trouxe também problemas, pois durante a reprodução dos mapas ocorriam grandes erros dos copistas.

Durante os séculos XV e XVI ocorreram grandes descobrimentos, que impulsionaram a Cartografia. Houve uma busca crescente por mapas com o objetivo de registrar as novas terras que estavam sendo descobertas. No século XVIII a instituição de academias científicas marca o inicio da Ciência Cartográfica Moderna, a sistematização dos diferentes ramos de estudo, surgindo a Cartografia Temática – em que cada ramo passou a optar por mapas que envolvesse suas necessidades em estudos específicos.

Com o avanço tecnológico a Cartografia foi se aprimorando, dos registros analógicos, passa para o digital e se aprimora em temas que se acrescentam a topografia. Martinelli (2007), diz que a automação se introduz na Cartografia através das fases mais matemáticas do processo cartográfico, com o aparecimento do computador, em 1946. Mas é a partir da década de 60 que foi iniciada a Cartografia assessorada por computador. Segundo Taylor (1994) essa revolução da informação trouxe como resultado uma explosão de dados e tem tornado acessível uma nova ordem de possibilidades de tópicos que podem ser mapeados.

Com o avanço acelerado da informática, Souza (2006) cita que foram incorporadas as ideias da Ciência Cartográfica, além da própria linguagem dos computadores, novas definições tais como a Cartografia Digital, o Geoprocessamento, os Sistemas de Informações Geografias entre outros que são técnicas utilizadas pela Cartografia e Cartografia em sua essência. A tecnologia desde então auxilia, mas não devemos tornar a Cartografia apenas técnica, no dizer de Taylor (1994) a Cartografia apesar de ser uma disciplina aplicada, há necessidade de desenvolver e manter uma essência intelectual não aplicada.

2.4 Aspectos semióticos da Cartografia como Linguagem

Os mapas significam mais que uma imagem da realidade. É um conjunto de sistemas de signos codificados. Por meio de processo de comunicação gráfica utilizada pela Cartografia, que segundo Martinelli (1991), é realizado em etapas desde a confecção até o uso. Por isto a utilização dos mapas estimula a operação mental, ocorrendo assim uma interação entre o mapa e os processos mentais do usuário.

Segundo Souza (2006), a representação cartográfica obedece à comunicação polissêmica, pois um signo não pode representar mais que um significado, ele precisa ser claro e objetivo para a compreensão fácil. O que se difere da comunicação monossêmica onde um signo pode representar mais que um objeto, como exemplo, a frase, 'o aluno ouviu o chamado', o chamado pode ser de um colega, da professora, de outra pessoa ou até mesmo um sinal sonoro que represente um chamado na escola.

Martinelli (2008) menciona a visão na construção dos mapas, gráfico e redes como pertencentes ao mundo de imagens, distinta daquela que constituem figurações e grafismos, conhecida como semiologia gráfica.

Souza (2006) comenta que a semiologia gráfica estrutura a construção das imagens a partir da percepção visual organizada em três variáveis sensíveis: a variação dos sinais e as duas dimensões do plano (X, Y). Para Martinelli (1998), a Semiologia gráfica utiliza as variáveis da percepção visual com propriedades compatíveis a fim de representar um tema, mobilizando assim a terceira dimensão visual do plano (z), seja numa abordagem qualitativa, ordenada ou quantitativa, seja na forma de ponto, linha ou área.

Para a interpretação dos signos gráficos existem algumas relações que são base para a compreensão dos mesmos. Souza (2006) diz são três relações (diversidade/similaridade, ordem e proporcionalidade) consistem nos significados da representação gráfica e são expressas por seis variáveis visuais (tamanho, cor, valor, textura, orientação e forma).

Martinelli (1998) lembra que os mapas podem dizer muito sobre os lugares, além, de apenas responder à questão 'Onde ficam?', caracterizando-os, e isso ocorre por meio da leitura cartográfica dos signos.

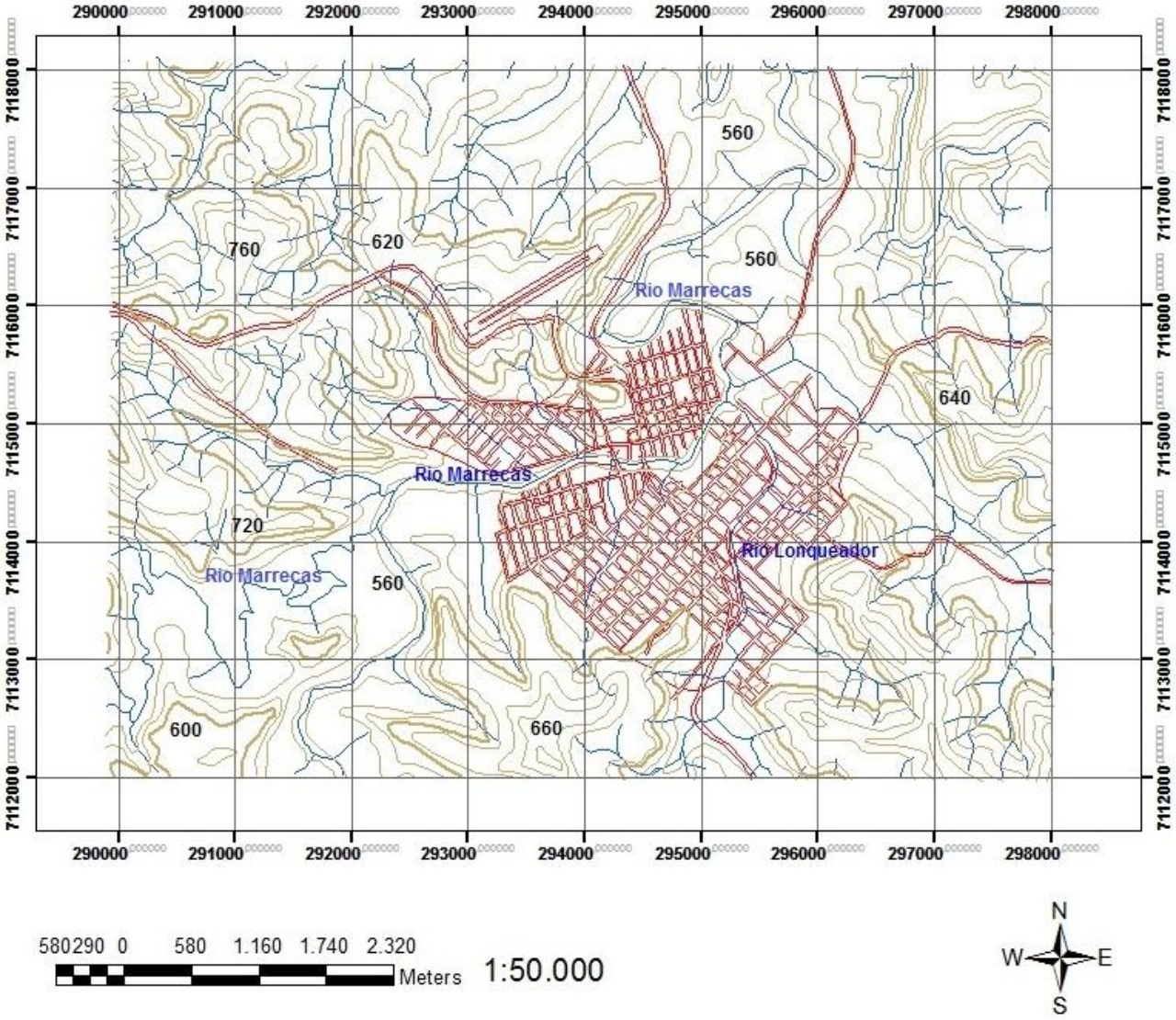
3 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa iniciou durante a graduação, num projeto de iniciação cientifica, com levantamento documental, digitalização e análise da carta topográfica do município e culminou na necessidade e na reelaboração de alguns mapas temáticos, apresentados na sequência. Para a digitalização foi utilizado o programa Arc Map 10, análise das cartas topográficas SG.22-Y-A-II-2 (MI-2861/2) de 1980 e 1999, e criada uma base cartográfica, com mapas de diversas temáticas para serem utilizados no ensino. Um exemplo é o da área urbana do município, com as temáticas: hidrografia e relevo, resultando em sequência didática básica para atividades pedagógicas de Geografia.

Esta proposta está apoiada nos conteúdos norteados pelas Diretrizes Curriculares Estaduais de Geografia de 2008 (DCEs). Nelas consta de que a metodologia de ensino deve permitir que os alunos se apropriem dos conceitos fundamentais da Geografia e compreendam o processo de produção e transformação do espaço geográfico. Por isso os conteúdos devem ser trabalhados de forma crítica e dinâmica, interligados com a realidade próxima.

Dentre as características físicas foram apresentadas, para estudo, aspectos gerais de relevo, e por meio das curvas de nível e da hidrografia da área identificamos e destacamos os rios que "cortam" o município para contextualizar como se dá a distribuição hidrográfica na área delimitada. Bem como as curvas de nível, rede hidrográfica, rede viária e áreas urbanas, postas na representação a seguir (Figura 1):

Figura 1 – Área Urbana de Francisco Beltrão



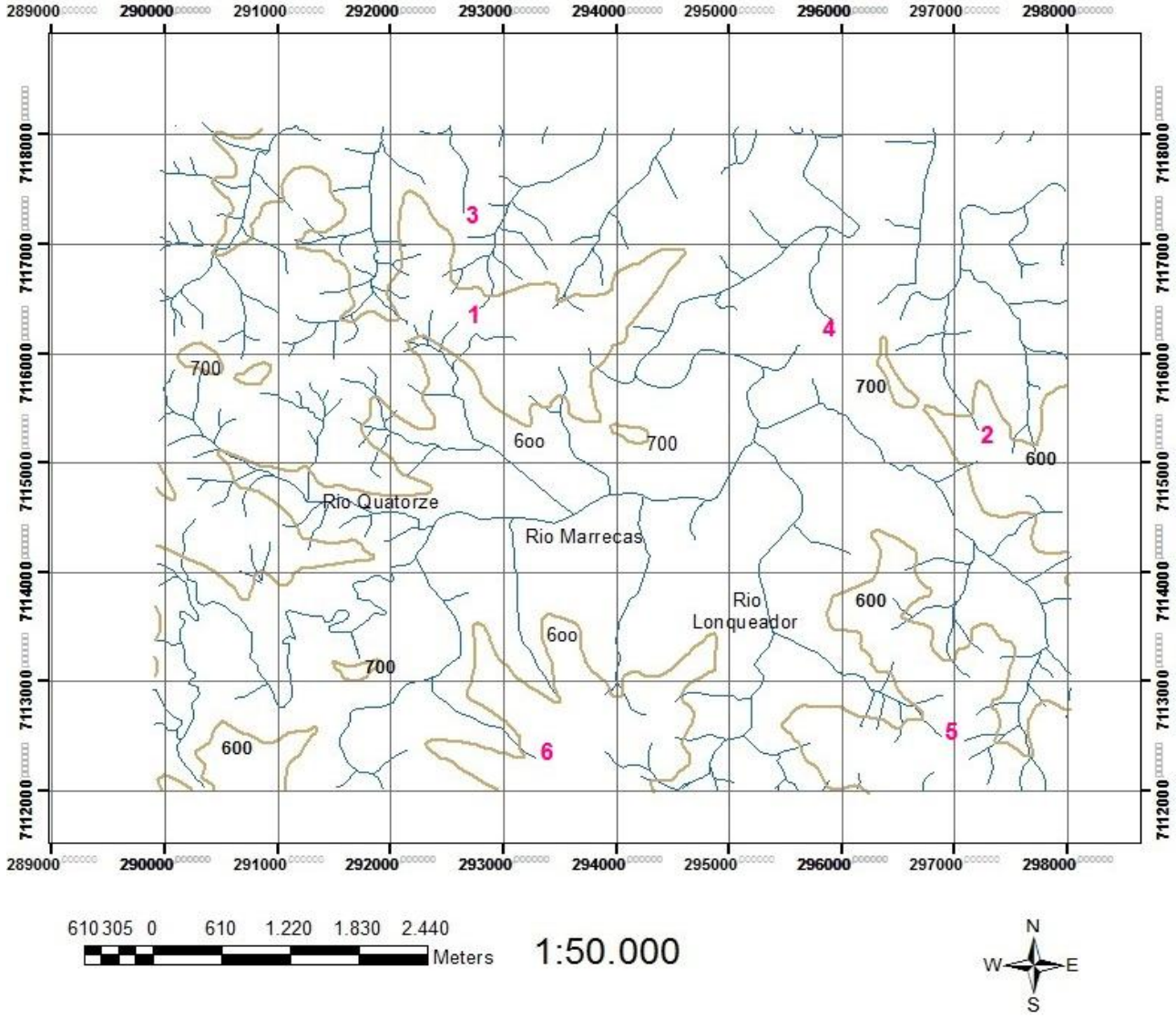
Fonte: IBGE (1998). Autora: Geron (2013)

Na representação anterior é possível identificar as características físicas gerais como a hidrografia, identificando e destacando o curso do rio principal (Rio Marrecas) que está nomeado ao longo de seu percurso, seus afluentes e a distribuição dos mesmos. Cruzando a área urbana do município estão os rios Lonqueador e Marrecas que poderão ser identificados, na atividade. O professor pode juntamente com os alunos coletar as coordenadas geográficas da escola em campo e identificar onde a escola fica localizada nas representações apresentadas.

Para que a hidrografia possa ser analisada, apresentamos a representação da figura 2, com os rios em destaque. O professor pode desenvolver diferentes atividades de reconhecimento da área, da drenagem, da ordem, dos rios, na mesma representação.

Por meio da representação da figura 3 é possível estudar a dinâmica da hidrografia e os aspectos das bacias, delimitando as microbacias na representação e colorindo para que sejam melhores visualizadas graficamente e identificar em qual microbacia, por exemplo, a escola está localizada, bem como comparar a dinâmica de microbacias representadas com as mais e menos conhecidas, às identificando conforme o nome do rio principal de cada microbacia. Também é possível identificar a declividade, pelo mapa de relevo, conforme na representação com a maior e a menor altitude, como está especificada também na representação da figura 3.

Figura 2 – Hidrografia de Francisco Beltrão



Responda:

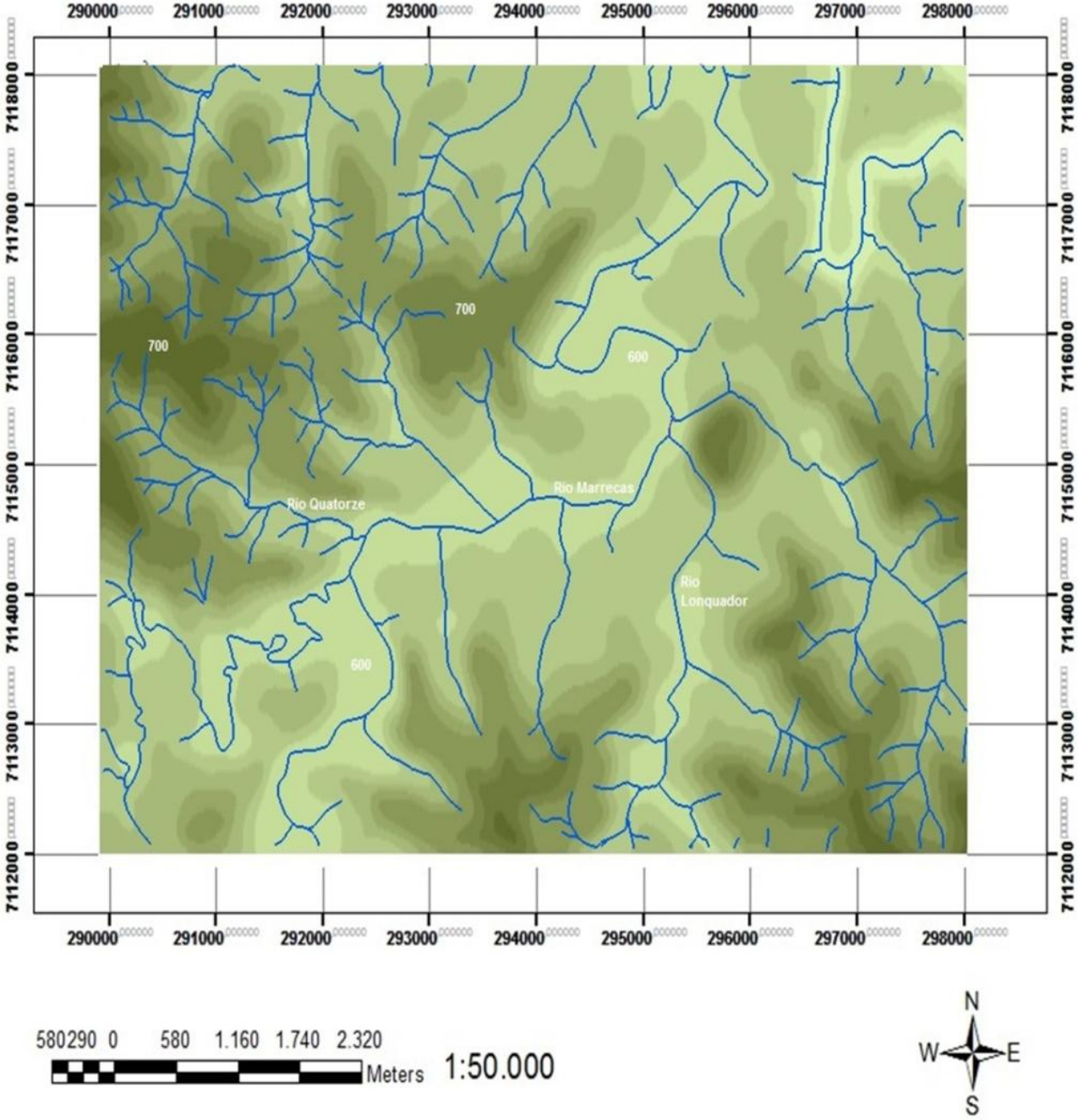
Algumas nascentes estão identificadas com números de 1 a 6 na cor rosa, a partir disso responda quais delas se localizam em altitude acima de 600 metros e quais delas se localizam a baixo de 600 metros

Fonte: IBGE (1998). Elaboração: Autor

O relevo, conforme representação da figura 3, por meio das cores, variando de cores escuras para as maiores altitudes e cores mais claras para menores altitudes, sendo que as primeiras estão próximas de seus afluentes e da foz dos rios e outras estão onde nascem os rios. Com os alunos também é possível realizar o estudo do relevo, fornecendo a eles o indicativo de algumas cotas de altitude para que consigam continuar completando na representação, com as demais.

Por meio das atividades apresentadas anteriormente os alunos percebem a amplitude do relevo. Nas margens dos rios, as curvas estão mais distantes porque são locais mais planos. Na representação os alunos, com auxilio do professor, vão identificar a área de menor e a de maior declividade e destacá-las. Podem Indicar e fazer a hipsometria, com as cores na própria representação.

Figura 3 – Relevo de Francisco Beltrão



Fonte: IBGE (1998). Autoria: Os autores (2013)

A análise da declividade, por meio das curvas de nível, (como exemplo, a representação 03), indica que nas que estão mais próximas a declividade é maior e, nas margens dos rios as curvas estão mais distantes, portanto, são locais mais planos. Após destacar as áreas de menor declividade é interessante observar o comportamento do relevo da área, sua maior e menor altitude, por meio da leitura das cotas indicadas no mapa. Para a análise do relevo é sugerido que se faça, por meio da pintura, a hipsometria nas curvas de nível. Com a representação hipsometrada fica melhor para analisar, por exemplo, que a área urbana está localizada numa menos altitude, por isso o relevo é mais plano.

Depois das atividades apresentadas e realizadas, com a representação 03 é importante discutir os aspectos físicos, como a erosão superficial, a qual muda a topografia nas margens dos rios, além das transformações naturais decorrentes. Na área onde existem manchas urbanas é

possível identificar que as curvas estão mais espaçadas, isto é, que foram aplainadas para que assim fosse possível a ocupação humana. Nessa etapa do estudo sugerimos que os alunos desenhem a área urbana em suas visões, assim percebam onde se localiza a área urbana do município.

4 CONSIDERAÇÕES

Nem sempre a falta de motivação e o desinteresse do aluno fazem com que o conhecimento não seja aprendido, conteúdos apresentados sem relação com o contexto vivido pode ser um dos motivos que contribui para este problema.

Conhecer a região em que vive, por meio dos conhecimentos adquiridos em sala de aula torna o aluno mais motivado a explorar o mundo e a compreender a ciência geográfica. A concepção de lugar e compreensão de as suas diversidades aparece cada vez mais ameaçada atualmente, repensar o lugar cada vez mais depende da mundialidade que ele está inserido, a história do lugar passe cada vez mais pela história compartilhada que se produz alem dos limites físicos do lugar, se tornando a história do mundo. O capitalismo nesse contexto é o que impulsiona os lugares e suas dinâmicas sociais. Compreender o conceito de lugar nos faz pensar sobre o espaço em que vivemos e vemos como parte integrante e modificante dele.

Uma boa análise da representação cartográfica é condição necessária para indicar se no mapa há conhecimento que possibilite ao leitor entender a espacialidade que ele representa. Por isso, é a linguagem cartográfica que vai auxiliar na compreensão do espaço representado, que por vezes pode ser o lugar em que os alunos residem.

Evidenciamos a importância da Cartografia no ensino aprendizagem de Geografia. É muito difícil, senão impossível ensinar e aprender os conteúdos de Geografia sem o auxílio das representações cartográficas. Reconhecemos de que este conhecimento depende de muito aprendizado.

NOTAS

[1] O capitalismo é um sistema de mercantilização universal e de produção de mais-valia. Ele mercantiliza as relações, as pessoas, as coisas. Ao mesmo tempo, mercantiliza a força de trabalho, a energia humana que produz valor. Por isso mesmo, transforma as próprias pessoas em mercadorias (IANNI, 1988 p. 8.).

[2] SANTOS, Milton. Encontro Nacional realizado em Aracajú em setembro de 1995. Pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia. Mesa Redonda ‘A redefinição do lugar’.

REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. C. A. A mundialidade do espaço. In: MARTINS, J. de S. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.121-134.

_____. O lugar: modernização e fragmentação. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A., SCARLATO, F. C.; ARROYO, M. (Org.). **Fim de século e globalização**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 303-309.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Ed. da USP, 2007.

BRASIL. Ministério do Exército. **Diretoria do Serviço Geográfico Brasileiro**. Região Sul. Carta Pato Branco. Folha SG.22-Y-A-III-2 (MI 6862-2) Escala 1:100.000.

JOLY, Fernand. **A Cartografia**. São Paulo: Papirus, 1990.

MARTINELLI, M. **Curso de cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. Cartografia ambiental: uma cartografia diferente? **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, n. 7, p. 61-80, 1994.

_____. A cartografia do meio ambiente: a cartografia do tudo? In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 10., 1996, Recife. **Mesa Redonda**: cartografia do meio ambiente... Recife: Ed. da UFPE, de 1996.

_____, PEDROTTI, F. A cartografia das unidades de paisagem: questões metodológicas. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, São Paulo, n. 14, p. 39-46, 2001.

_____. **Mapas da geografia e cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Um atlas geográfico escolar para ensino-aprendizagem da realidade natural e social. **Portal da Cartografia**, Londrina, v.1 n.1, p. 21-34, 2008.

PARANÁ. Secretaria do Estado do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica - Geografia**. Curitiba, 2008.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2009.

SILVEIRA, L. M. Totalidade e fragmentação: o espaço global, o lugar e a questão metodológica, um exemplo argentino. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SCARLATO, F. C.; ARROYO, M. (Org.). **Fim de século e globalização**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 201-209.

SOUZA, F. de H. L. **Representação gráfica de feições lineares do relevo**: proposta de aplicação de simbologia linear digital na cartografia geomorfológica. Uberlândia: Ed. da UFU, 2006.

TAYLOR, D. R. F. Uma base conceitual para a cartografia: novas definições para a era da informação. **Caderno de textos**, São Paulo, v. 1, n. 1 p, 11-24, ago. 1994.

Data de submissão: 19.01.2015
Data de aceite: 06.08.2015

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.